

Editorial

A Espiritualidade e a Religiosidade como espaço/tempo de encontro do divino com o ser humano: algumas provocações

O ser humano possui, em si mesmo, a potência de transcender e, talvez em função disto, seja instigado durante a sua vida pela ideia da transcendência e por tudo aquilo que, de alguma maneira, o transborda. A vida cotidiana e seus desafios, o enfrentamento de diagnósticos que possuem prognósticos reservados, a morte como uma realidade concreta no horizonte existencial, as perdas enfrentadas ao longo da vida, as experiências que a razão cartesiana não dão conta de explicar e os afetos que dominam o corpo e fogem do controle da objetividade da mente são alguns dos exemplos que poderiam ser citados como desafios para esta transcendência e para o que Freire¹ chamou de “a vocação ontológica de ser mais”, que, em minha opinião, marca, de modo importante, a humanidade do humano.

É a vocação ontológica de ser mais que está na base da discussão da espiritualidade e da religiosidade em saúde, uma vez que estas dimensões possuem potência que estimula o ser humano a ser “ser humano”, enquanto nelas também estão às possibilidades de interdição das potencialidades e das possibilidades do ser e do seu devir onto-temporal. A esperança como elemento que possui presença privilegiada no contexto religioso-espiritual, por exemplo, é um aspecto importante para a construção de sentido diante dos absurdos enfrentados ao longo da vida, ao passo que determinadas crenças podem impedir expressões de si e perspectivas de futuro ao competir com a ciência (dando respostas que cabem a estas) ou ao cair em um subjetivismo sem parâmetros, em que o mundo é reconstruído quase exclusivamente na relação pessoal e direta entre a pessoa e a divindade.

As realidades espirituais que pertencem aos povos (e ao povo) se caracterizam por serem fenômenos fontais² ou, dito de outro modo, são espaços/lugares para onde sempre se volta com o objetivo de encontrar sentidos e possibilidades inesgotáveis, como uma fonte. Se, por um lado, estas realidades são heranças que estão sempre presentes a empapar o chão da vida e das experiências, por outro, são de difícil apreensão na concretude histórica e das sociedades. Desta complexidade, nascem as religiões e as religiosidades como maneiras sociais e coletivas de tornar perenes dimensões humanas que podem ser compreendidas como transcendentais e, portanto, com tendência a serem fugazes e passageiras, apesar de marcantes.

Através da vida comunitária, dos ritos, dos dogmas, dos códigos morais e do regramento ético, dentre outros aspectos que poderiam ser apontados, as religiões e as religiosidades vão presentificando o sagrado e suas heranças espirituais ao longo do tempo e a partir de outras temporalidades (o eterno retorno, seu caráter espiralar e sua simultaneidade), com uma linguagem própria que codifica a vida e seus acontecimentos, cobrindo-os de uma racionalidade própria a partir de um refinado processo de pensamento. Os que tendem a considerar esta forma de pensamento como simples e até mesmo simplória, sugiro um olhar um pouco mais atento de modo a considerar sua lógica e a sua complexidade, bem como sua importância para práticas, atitudes e compreensões do mundo e da vida.

Os ritos religiosos, somente para exemplificar uma das dimensões religiosas, possuem papel importante na medida em que permite de modo simultâneo, o contato com o sagrado, a reconstrução da ordem do mundo e o preparo das pessoas para o enfrentamento de situações difíceis com mais tranquilidade e dignidade. Em alguns contextos, permitem a construção de um sentido totalizador das experiências e da vida,

¹Este texto foi escrito em homenagem à Casa de Auxílio Espiritual Caboclo Pena Azul, templo de umbanda localizado no bairro de Realengo, na cidade do Rio de Janeiro, onde trabalho como pesquisador desde o ano de 2017. Lá, juntos aos pais e mães de santo, bem como aos filhos e consulentes, muitas destas reflexões foram tecidas, construídas e revisadas em um constante encontro entre os humanos e, portanto, também com o sagrado.

fazendo sínteses criativas que possibilitam novas compreensões da situação presente.

Há, portanto, aspectos importantes na religião e na religiosidade que não são exploradas pelos profissionais ou pelas instituições de saúde com vistas ao bem-estar dos pacientes e à constituição destes como atores de suas próprias histórias, inseridos em um grupo identitário e de pertença. A religião e a religiosidade, ainda, se apresentam como um meio importante de mediação do sagrado e do Divino para as situações concretas da existência, dando segurança emocional diante de situações de instabilidade.

Por fim, destaca-se que resultados de estudos sobre representações da espiritualidade e da religiosidade³ tem demonstrado que, embora sejam conceitos distintos um do outro do ponto de vista acadêmico e teórico, possui uma mesma representação, o que significa dizer que é tomado pelo senso comum sem grandes diferenças em suas reconstruções sócio-simbólicas e práticas. Em minha opinião, isto se apresenta porque, para nós brasileiros, Deus não é uma ideia ou uma abstração, mas uma realidade e uma experiência: é o pai, o amigo, o confidente e o tudo. Como disse um depoente na festa de São Jorge: “São Jorge não é um santo que está no céu. Ele é meu compadre. Todo domingo faço um churrasco na varanda, pego a imagem dele, coloco perto da churrasqueira, ponho um copo de cerveja para ele e ele é meu convidado de honra”.

Desta maneira, espiritualidade e religiosidade dançam no cotidiano cinzento das histórias de homens e mulheres comuns e são fontes de esperança e motivos de angústias nos ônibus cheios, nos trens de subúrbios, nas ruas perigosas das periferias das grandes cidades, nas violências diárias, na pobreza que tira a dignidade, na fome que desespera no corpo que vai mostrando os sinais da passagem do tempo e na realidade da morte. Toda vez que alguém comunga do corpo de Cristo em uma missa, arria um padê na encruzilhada para o seu Tranca Ruas, abre a bíblia e a explica aos irmãos de fé, realiza o evangelho no lar para ajudar os desencarnados ou faz um borí no candomblé para se equilibrar (ou mais de um destes em um período curto de tempo) podemos sossegar ao menos um pouco o coração, porque ao encontrar o sagrado somos lançados no mais profundo abismo do humano, como quem cai para cima no sentido heideggeriano.

Referências

1. Freire P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982: 218 p.
2. Boff L. Brasa sob cinzas. Estórias do anti-cotidiano. Rio de Janeiro: Record, 1997:125 p.
3. Gomes AMT, Figueiredo VP. A teoria das representações sociais como possibilidade de leitura do fenômeno religioso e da espiritualidade na área da saúde. In: Nascimento A, Giarnodoli-Nascimento I, Rocha MIA. Representações sociais: campos, vertentes e fronteiras. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2021:185-216.

Desejamos uma boa leitura, valendo-se dos conhecimentos consagrados nessa edição.

Boa Leitura!

Prof. Dr. Antônio Marcos Tosoli Gomes
Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ.
Departamento de Enfermagem.
Rio, julho de 2023.